



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## PESQUISANDO PRECONCEITO E HOMOFOBIA NO BRASIL POR MEIO DE ESCALAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA COM FOCO NA ESCALA F

**Autores:** RENAN DE SOUZA NASCIMENTO, RAFAEL BAIONI DO NASCIMENTO

### Introdução

O objetivo do presente trabalho foi verificar como está o uso de escalas para a pesquisa do preconceito de origem homofóbica no Brasil, com foco na verificação da presença ou ausência, e modo de utilização, da Escala F, criada por Adorno et al (1950). Tendo em vista os altos índices de preconceito homofóbico no Brasil, inclusive nos meios educacionais (ver JUNQUEIRA, 2009 e VENTURI, 2011), esse trabalho se justifica pela necessidade de melhor compreensão do preconceito e da homofobia para seu efetivo combate. Justifica-se também pelo nosso interesse em resgatar e aprofundar o uso de uma escala (Escala F) construída com base no arcabouço teórico da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (ver CARONE, 2012). Tal tradição teórica congrega conhecimentos dos aspectos ditos objetivos (sociais) e subjetivos (psicológicos) do fenômeno do preconceito, o que consideramos essencial para sua análise, por ir além da descrição sociológica do fenômeno e buscar as “estruturas” psicológicas que dão sustentação ao preconceito.

Este trabalho é parte integrante de outra pesquisa, “Experiência estética e preconceito: subsídios para a crítica do ensino de arte nas licenciaturas”, ainda em andamento e que, dentre outras características, utiliza da Escala F para a aferência da homofobia. Assim, além de seus objetivos próprios o presente trabalho também intenciona colaborar na fundamentação da pesquisa vinculada.

A partir de pesquisa em base de dados, melhor detalhada na seção seguinte, encontramos trabalhos como os de Gusmão et al. (2016), que salientam a relevância do uso de escalas tendo em vista que na atualidade o preconceito se dilatou e aparenta ser mais sutil em suas manifestações, ao contrário de anteriormente, já que se expressava mais frequentemente de forma enfática contra um grupo ou um conjunto de crenças. Assim o trabalho de determinação dessas atitudes negativas tornou-se bem mais complexo. Pesquisas que consideram o preconceito sexual, por exemplo, apontam o sexo como destacado marcador de diferenciação de atitudes homofóbicas, sendo estas mais patentes entre homens heterossexuais do que em mulheres heterossexuais (GUSMÃO et al., 2016).

Foi Weinberg que, em 1972, popularizou a *homofobia* como um pânico ou medo irracional de compartilhar um mesmo espaço com pessoas homossexuais ou como uma autoaversão por parte destas mesmas pessoas - conforme se lê em Gato et al. (2014), outro trabalho que destacamos da revisão feita por nós. Apesar de várias críticas a esse termo, especialmente a seu caráter fóbico, é fato que ele deslocou o interesse muitas vezes patológico sobre gays e lésbicas para a intolerância lida como irracional contra estes sujeitos (GATO et al., 2014, p. 259). Gusmão et al. (2016), Gato et al. (2014) e Costa et al. (2015) salientam também que a homofobia não se expressa apenas contra a orientação homossexual mas fundamentalmente trabalha sobre expectativas de gênero frustradas sobre os comportamentos, aptidões masculinos e femininos, gerando muitas vezes raiva e agressões físicas.

[...] no Brasil, não se pode falar de preconceito contra orientações não heterossexuais sem levar em conta o preconceito contra expressões de gênero que não estão em conformidade às hegemônicas. Esse aspecto indica que, no contexto brasileiro, um homem homossexual ou heterossexual que apresenta atitudes e comportamentos ou se expressa de forma culturalmente considerada como feminina será alvo preferencial de preconceito, o mesmo ocorrendo com as mulheres quando se expressarem ou assumirem atitudes consideradas como masculinas (COSTA et al., 2015, p. 164).

### Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre pesquisas (em sua maioria brasileiras, 26 dos 45 resultados) que tentaram medir e entender o preconceito/atitudes (com foco na homofobia), através de escalas aplicadas a grupos específicos. Os textos analisados foram escolhidos por meio de uma pesquisa na base de dados Scielo com as palavras chave “escala”, “preconceito” e “homofobia”, usando a fórmula: “(escala, homofobia) OR (escala, preconceito)”. De uma breve análise de alguns trabalhos que trataram de homofobia com o uso de escalas, partiu-se para uma discussão sobre a Escala F Adorniana em estudos brasileiros e as possíveis contribuições para a pesquisa com estudantes de licenciatura da Unimontes. Não se têm o intuito de esgotar a literatura e as discussões sobre metodologias de pesquisas empíricas



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## Resultados e discussão

Dos 48 resultados encontrados na busca, 45 foram considerados válidos e três foram eliminados por serem repetições. Após a leitura dos resumos, 26 artigos apresentavam a temática homofobia (sendo um de temática conjunta racismo/homofobia) e dois artigos apresentavam relação com a Escala F. Outras temáticas encontradas não diretamente relacionadas com nosso objetivo específico: aids (três artigos), raça (oito artigos, sendo um temática conjunta raça/gênero e um raça/sexualidade), deficiência (quatro artigos, sendo dois deles os mesmo que também são relativos à Escala F), obesidade (dois artigos), idade (dois artigos), gênero (três artigos, sendo um de temática conjunta com raça), preconceito de forma não específica (um artigo).

Isso mostra, do ponto de vista quantitativo, que na base de dados pesquisada não encontramos a presença de estudos sobre homofobia com uso de escalas simultaneamente com a presença do uso da Escala F. Ainda que tenhamos encontrado um número relativamente alto de pesquisas sobre homofobia com uso de escalas (26), nenhum deles utilizava a Escala F. De maneira semelhante, dentre o quantitativo relativamente baixo encontrado de pesquisas que faziam uso da Escala F (dois), nenhuma tinha foco na homofobia.

De um ponto de vista qualitativo, dos artigos relacionados à homofobia e tendo em vista as limitações deste trabalho, demos preferência para os escritos em português e selecionamos 3 para abordagem aqui - já utilizados na introdução, mas também a seguir - por trazerem elementos que consideramos de grande interesse para a pesquisa vinculada.

A pesquisa de Gusmão et al. (2016) se debruçou a analisar a relação entre homofobia (sutil e flagrante) e valores humanos, lidos como princípios que orientam as ações e dão vazão às necessidades humanas. Baseada na teoria Funcionalista dos Valores Humanos, os autores pressupunham que pessoas guiadas por valores materialistas são mais homofóbicas do que pessoas inclinadas aos valores suprapessoais. Esse estudo foi aplicado para estudantes do ensino superior de algumas instituições do interior do Nordeste e se baseou em duas escalas, além de um questionário sócio demográfico. A primeira escala é a de *Homofobia Explícita e Implícita* com sete pontos de resposta, de discordo totalmente até concordo totalmente e a segunda é a *Escala dos Valores Básicos* (experimentação, realização, existência, suprapessoal, interativa e normativa) com sete pontos de resposta para o quão aquele valor é importante como princípio-guia, desde decididamente não importante até extremamente importante. Ao final da pesquisa, os autores corroboraram suas hipóteses de que os valores de realização e normativa são importantes fatores para atitudes homofóbicas, já que uma pessoa que valoriza mais seus interesses e o poder e que se mantém apegada a tradição tende a ler a homossexualidade como uma afronta à hierarquia e à ordem social (GUSMÃO et al., 2016).

Abarcando um leque diverso de atitudes frente a lésbicas e gays, para além da dicotomia de posturas negativas/positivas, Gato et al. (2014) realizaram dois estudos seguidos de validação e tradução cultural de uma *Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays* (EMAFLG). Essa Escala foi composta por quatro fatores principais de reação: Homopologização, Rejeição da proximidade, Heterossexismo moderno e Suporte, distribuídos por vinte e sete questões do tipo um (discordo completamente) a seis (concordo completamente). Esse primeiro estudo de validação foi aplicado a estudantes universitários de Portugal e apresentou ajustamento global aceitável. Já o segundo estudo utilizou-se de uma amostra de estudantes da Universidade Federal de Uberlândia para comprovar a invariância do instrumento referido, apesar de algumas alterações semânticas (GATO et al., 2014).

Costa et al. (2014), objetivando analisar como o preconceito relaciona gênero e sexualidade, adaptaram uma *Escala de Distância Social* de Bogardus e construíram uma outra de *Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero* (EPDSG), que foram aplicadas a estudantes, professores e funcionários de escolas públicas do Rio Grande do Sul. Essa última escala incluiu um instrumento de análise do preconceito contra orientação sexual de Gregory Herek (1988) e outro sobre preconceito contra não conformidade de gênero e transexualidade (Hill & Willoughby, 2005), além de uma adaptação brasileira com a identidade travesti. As afirmações foram avaliadas por uma escala de cinco pontos, desde discordo totalmente até concordo totalmente. Essa pesquisa obteve sucesso já que conseguiu analisar através de uma única escala a pertinência das relações entre sexualidade e identidades de gênero na realidade brasileira e indicou que o contato prévio com indivíduos não heterossexuais motiva menos preconceito (COSTA et al., 2014, p. 170).

Essas três pesquisas, de diferentes autores, foram baseadas em metodologias formuladas especificamente para as dissidências de gênero e sexualidade. As três pesquisas que faziam uso da Escala F, por sua vez, todas tinham como pesquisador principal o mesmo autor (ainda que os outros autores tenham diferido): Crochík (2005) e Crochík et al (2009) e, como foi dito, nenhuma tinha como foco a homofobia. Vamos destacar aqui a pesquisa de Crochík (2005) e outra do mesmo autor principal que, apesar de não ter aparecido na presente busca na Scielo, é interessante para o nosso objetivo, já que, como as outras desse autor, prossegue a análise de Adorno sobre as relações entre ideologia e tendências fascistas, inclusive o preconceito.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Segundo Crochík (2005), Adorno et al. (1950) pensavam que necessidades psíquicas mediavam a escolha de ideologias, que retroalimentavam preconceitos. Para examinar as relações entre ideologia-personalidade-preconceito, Crochík aplicou cinco escalas em estudantes de uma universidade de São Paulo: *Escala de Autocategorização Política*, *Escala F*, *Escala da Ideologia da Racionalidade Tecnológica*, *Escala de Características Narcisistas de Personalidade* e *Escala de Manifestação de Preconceito*. A Escala F, formulada originalmente com vinte e nove itens e com seis alternativas de respostas (de discordância total para concordância total) visava avaliar a tendência de os indivíduos aderirem ao fascismo e é o modelo para as demais escalas referidas (CROCHÍK, 2005, p. 312).

O resultado numérico da Escala de Preconceito foi baixo se comparado com o resultado da Escala de Etnocentrismo de Adorno et al. (1950), o que supõe que a amostragem de Crochík ou é menos preconceituosa mesmo ou não conseguiu captar o preconceito mais sutil, já que hoje em dia o mais flagrante sofre rechaço social. A posição política média escolhida foi de centro-esquerda e a relação com a Escala do Fascismo foi baixa, talvez porque a questão política na época em que esses trabalhos foram escritos estava sendo relegada como uma mera questão administrativa, sem peso direto na manifestação de preconceitos. Já a Escala da Ideologia Racional teve pontuação maior com as Escalas de Fascismo e de Preconceito, o que mostra a importância do pensamento formal e tecnológico nas nossas relações. Assim, torna-se patente a partir dessa pesquisa que a ideologia (racionalidade tecnológica) e a personalidade (sodomasoquista e fascista) são cruciais para a manifestação de preconceitos.

Crochík et al. (2006) prosseguem nessa análise ao pontuarem que é impossível tratar de preconceito desconsiderando a ideologia, já que esta através do seu tecnicismo e lógica matemática impede uma análise aprofundada das questões sociais e inviabiliza a redução dos conflitos a problemas meramente individuais, sem grande importância social. A especificidade dessa pesquisa que mais nos interessa é que os sujeitos eram estudantes de diferentes cursos de graduação e os autores encontraram diferentes resultados para estudantes de diferentes áreas. Nos alunos de Exatas, por exemplo, o preconceito foi variável mais importante entre as avaliadas, enquanto nos alunos de Biológicas, a ideologia da racionalidade tecnológica e a adesão implícita ao fascismo, avaliada pela escala F, foram as variáveis mais associadas com a rejeição à educação inclusiva. Nos interessa, porque na pesquisa vinculada avaliamos, a partir de escalas, inclusive a Escala F, estudantes de diferentes licenciaturas, e pretendemos avaliar se diferença semelhante se apresenta nos resultados.

## Considerações finais

O preconceito, ou mesmo a homofobia hoje em dia se tornaram mais difusos e sutis, o que torna o trabalho com questionários e escalas ainda mais desafiadores. Vários marcadores se colocam em um estudo que pretende entender os posicionamentos diante de pessoas LGBTIQ, por exemplo: sexo/gênero, idade, cultura, interseções, experiências prévias, educação; e nenhum desses pode ser totalmente desconsiderado no processo da construção da pesquisa. Dessa forma, a Escala de Fascismo é uma das escalas mais interessantes para o trato com o preconceito e atitudes hostis a determinados grupos, pois possibilita uma análise relacional com outros indicadores, como personalidade e ideologias. Entendido alguns pontos teóricos-metodológicos do trabalho com o fascismo e o preconceito achamo-nos aptos para a análise dos dados das pesquisas em turmas de licenciatura da Unimontes e para pensar a arte nesses meandros.

## Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) pela Bolsa de Iniciação Científica BIC/UNI.

## Referências bibliográficas

ADORNO, T.W. et al. **The authoritarian personality**. New York: Harper and Row, 1950.

CARONE, I. A Personalidade Autoritária Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo. **Revista Sociologia em Rede**, vol. 2, num. 2, p. 14-21, 2012

COSTA, A. B. et al. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, p. 163-172, 2015.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 309-319, 2005.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

CROCHÍK, José Leon et al. Preconceito e atitudes em relação à educação inclusiva. **Psicologia Argumento**, v. 24, n. 46, p. 55-70, 2006.

CROCHIK, José Leon et al. . Relações entre preconceito, ideologia e atitudes frente à educação inclusiva. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 26, n. 2, p. 123-132, June 2009.

GATO, J. et al. Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 2, p. 257-271, 2014.

GUSMÃO, E. É. D. S et al. Valores Humanos e Atitudes Homofóbicas Flagrante e Sutil. **Psico-USF**, v. 21, n.2, p. 367-380, 2016.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.) **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

VENTURI, G. Da construção dos dados à cultura da intolerância às diferenças. In: BOKANY V. e VENTURI G. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2011.